



# Justa homenagem

## Uma

Quando vi nas livrarias este livro dedicado a Decio de Almeida Prado, confesso que fiquei com inveja daqueles que foram convidados para prestar depoimentos ou refletir sobre seus escritos. É uma das poucas obras na qual eu gostaria de estar presente porque sei ter o que dizer. Mas talvez poucos se lembrem da nossa intensa e respeitosa convivência quando dirigi a Coordenadoria de Comunicação Social (CCS) da USP e Decio comandava, a seu estilo, a *Revista USP*. Mas, antes disso, alguns encontros via Sérgio Buarque de Holanda e tantos outros pelo nosso amor ao futebol e ao São Paulo. Por terem esquecido de mim, resta-me a oportunidade de homenagear o jovem Decio, nos seus oitenta e um anos, escrevendo sobre o livro feito para e sobre ele. Muito bom, muito bom mesmo! A começar pela primeira ilustração, “Atlas II”, de Renina Katz.

As partes destacam bem as formas de homenagear Decio: os depoimentos; estudos sobre Decio e os estudos para Decio, complementados por um estudo bibliográfico de Vilma Arêas. O livro se completa com informações sobre os colaboradores. São 445 páginas bem-vindas, a resgatar a história do, sem dúvida, melhor crítico e homem de teatro que o século XX viu acontecer no Brasil.

Os depoimentos são todos e cada um marcados por muito respeito e também carinho. E a constante é repetida, desde Antunes Filho: “[...] Decio é um modelo para os jornalistas e para todos nós”. E é Paulo Autran, sim, Paulo Autran, quem salienta: “[...] 1. Decio gostava de teatro (coisa rara entre os críticos teatrais); 2. Decio conhecia e entendia de

*Na página anterior, montagem com foto do crítico Decio de Almeida Prado*

**JOSÉ SEBASTIÃO WITTER** é diretor do Museu Paulista-USP.

*Decio de Almeida Prado — um Homem de Teatro*, organizado por João Roberto Faria, Flávio Aguiar e Vilma Arêas, São Paulo, Fapesp/Edusp, 1997.

JOSÉ SEBASTIÃO WITTER

teatro (coisa raríssima entre os críticos teatrais); 3. Decio sempre foi um homem culto, de alto nível intelectual (coisa mais rara ainda); 4. Decio se esforçava por ser imparcial e o conseguia quase sempre (coisa também raríssima)”. E completo, ainda, com Paulo Autran: “[...] Hoje já não há mais espaço para críticas tão longas e, definitivamente, já não fazem mais críticos como Décio [...]” (p. 26).

Um outro depoimento do qual extraio partes é o de José Renato. Ele descreve o Decio da seguinte forma: “[...] Ele entrou na sala. Alto, cabelos lisos, muito bem penteados, ‘glostorados’, eu diria. Diante de nós, cerca de trinta alunos do primeiro ano de Arte Dramática, começou a falar; sua voz soou *snoob*, antipática, mas tranqüila, segura. Tinha um sorriso superior, quase arrogante, que exibia com economia, à medida que ia nos falando sobre sua disciplina: História do Teatro. Mas, pouco a pouco, aquele tom recatado foi nos conquistando a todos. À medida que ia nos conhecendo, e nós a ele, as barreiras foram caindo”.

Ganhavam-se ao longo do tempo... E o fim do depoimento de José Renato vale transcrição:

“[...] Como tantos outros que receberam aula desse grande mestre e amigo, tenho o melhor carinho e a melhor lembrança desse tempo e do nosso convívio. Minha grande esperança, mais tarde, quando procurava transmitir minha experiência ao meus alunos na Uni-Rio, era sempre manter presente a memória e o exemplo do ‘tio’ carinhoso, inteligente, que nunca deixava sem resposta as questões daqueles jovens que, como eu, e todos os companheiros, desejávamos urgente e arduamente mudar o mundo. E naquele mesmo instante. E através do teatro. A vontade continua viva... A culpa é do ‘Dr. Decio’”.

“Estudos sobre Decio de Almeida Prado” começam com o ensaio sempre estimulante e marcante de Sábato Magaldi. Um grande crítico analisando outro com propriedade. Beleza de estudo. Reproduzo um trecho:

“[...] o percurso que aqui se procurou reconstituir, seguindo a trilha de Decio, como formador, coloca-nos, a esta altura, numa situação inusitada: a de encerrar este ensaio discordando vigorosamente das palavras do mestre – não é o critério de antiguidade que o promoveu, conforme ele próprio modestamente observa em ‘Oração aos Velhos’... Tal promoção dentro da estima de intelectuais e artistas ocorre, antes, pelo critério da presença: Decio é figura central e nucleadora, cuja atuação liga-se, em sua origem, aos momentos de fundação de uma linha séria e consistente de estudos teatrais no país. Seus trabalhos são obras de referência obrigatória para o conhecimento da dramaturgia e para o exercício da crítica culturalmente responsável. Tendo formado atores, autores, professores e pesquisadores de teatro e dramaturgia, o trabalho de Decio constitui-se em ponto de referência para se pensar o teatro em seu período de formação e de transformação rumo à modernidade.

A tarefa que lhe foi atribuída pelos companheiros queridos da juventude foi assim cumprida integralmente, com a entrega incondicional e com a dedicação de toda uma vida de estudo, de ensino e de pesquisa”.

Com estas afirmações de Sábato eu, talvez, devesse encerrar. Entretanto, é preciso, ainda, salientar que muitos outros intelectuais de valor inestimável se ocuparam dos estudos sobre Decio. Citemos ainda e tão-somente Flávio Aguiar, Antonio Arnoni Prado, José Roberto Faria e Francisco Costa.

Dentre os estudos para Decio não posso omitir Alfredo Bosi, que estuda Vieira; Carlos Augusto Calil, que se ocupa de Blaise Cendrars, Antonio Candido, que faz “Entre Parênteses: Crítica e Memória”, e ainda Gilda de Mello e Souza, José Alderaldo Castelo, Antonio Dimas, J. Guinsburg e Marlyse Meyer.

Creio que nada mais é preciso acrescentar para convidar o leitor a ler esta obra, que é fundamental para se entender a própria História do Brasil.